

Sexo, liberação e pacificação corporal

*Eliane Knorr de Carvalho*¹

Resumo:

Entre os séculos XVI e XVIII uma série de acontecimentos marcaram uma transformação profunda no pensamento e na cultura ocidental. Entre as novidades, que culminaram no século XIX, podemos ressaltar o surgimento do humanismo e das ciências humanas com as noções de cultura relacionadas à natureza humana e a emergência de um sistema capitalista respaldado em uma governamentalidade liberal. As diversas lutas que se estabeleceram na constituição de sujeitos e revoltas dos corpos, muitas vezes atravessadas pelo sexo como ponto privilegiado de transgressão, parecem estar apaziguadas em mercados e redes virtuais. Hoje, encontramos-nos em um mundo em que o sexo é hiper-estimulado, ao mesmo tempo que deve seguir uma série de prescrições para garantir a segurança geral. Seja a segurança da integridade física seja a segurança de garantia de satisfação plena. O imprevisível, lugar do perigo, do susto, já não tem o sexo como lugar privilegiado.

Palavras-chave: Sexo, pacificação e controle

O final dos anos 1960, no século XX, explicitou, nas sociedades ocidentais, possibilidades infinitas nas experimentações das relações, dos corpos e dos sexos. O que era tido, até então, como monstruoso, absurdo, impossível, intolerável, mostrou-se não só como algo possível, mas como uma forte expressão da liberdade.

1968 marcou um acontecimento diante da potência da destruição do homem e do planeta pelo próprio homem, explicitada nas guerras, com tecnologias nucleares, bombas, genocídios, etc.

O movimento hippie (em especial nos EUA, em decorrência dos protestos contra a guerra do Vietnam) ficou caracterizado pelo que acabou se tornando o *slogan* “faça amor, não faça guerra”. As experimentações do corpo estavam associadas a uma liberação de vida, das relações, da invenção de novos costumes. Entretanto, essa liberdade, em que cabia também um “amor livre”, não estava apartada dos embates.

No Brasil, jovens subversivos eram covardemente massacrados na ditadura civil-militar. O sexo, neste caso, era alvo preferencial dos torturadores (como é possível observar nos relatos expostos pelo grupo Tortura Nunca Mais do RJ), e ao mesmo tempo adquiria forte potencial subversivo e de experimentações de liberdade em meio ao asfixiante governo repressivo, como mostra Gustavo Simões em sua dissertação de mestrado².

Nas décadas seguintes, a questão dos direitos, e no Brasil a chamada abertura democrática, tomaram o lugar das revoltas e novas experimentações. A década de 1990, como mostrou Salette Oliveira, coroou os acordos e investimentos na pacificação do sexo em direitos e prevenções também como resposta à emergência e proliferação da AIDS nas décadas anteriores³.

A potência subversiva do sexo é pacificada com o medo da exposição do corpo ao que se chamou, por certo tempo, de “peste gay” ou “câncer gay”. Tornando-se brecha de acordos e

¹ Doutoranda em Ciências Sociais pela PUC-SP, sob orientação de Dorothea Voegeli Passetti. Pesquisadora no Nu-Sol. E-mail: lili.knorr@gmail.com

² Gustavo Ferreira Simões. *Roberto Freire: tesão e anarquia*. Dissertação de mestrado. PUC/SP. São Paulo, 2011. Ver também: “Dossiê Sexo, poder e liberdade” in *Revista verve*. São Paulo, Nu-Sol/PUC-SP, nº 17, 2010, pp. 48-96.

³ Arleth 99. “Quem tem Pinto Saco Boca Bunda Cu Buceta Quer amor” in *Libertárias: sexo e anarquia*. São Paulo, Libertárias, vol. 3, 1998.

negociações entre Estado e a chamada diversidade na busca de um sexo seguro, adaptando-se a um modo de vida cada vez mais conformado ao chamado modelo heterossexual masculino.

Por meio de uma profusão de direitos, aqueles que eram tidos como desviantes começam a ser oficialmente reconhecidos e ter acesso ao mesmo modo de vida, que antes era exclusividade do ocidental, heterossexual, masculino. Se por um lado a questão da reprodução se tornou secundária, liberando o sexo para o prazer, por outro lado, a preservação e a reconstrução da família, dos mais diferentes modos, reproduzindo também o velho modelo conservador ainda que em novas variações, reafirma-se nas demandas das chamadas minorias.

A chamada diversidade sexual ampliou, portanto, as possibilidades de experimentação de prazer, mas respaldada por medidas de segurança ao corpo. O sexo libertado passou a ser atravessado por condutas de segurança, com um distanciamento preventivo do corpo (como, por exemplo, com o uso da camisinha), corpo enquanto lugar de perigo à saúde.

Ao mesmo tempo, a questão do prazer não foi deixada de lado. Uma série de investimentos – que já despontavam nas décadas de 1960, quando surgiu, por exemplo, a primeira sex-shop⁴ –, acoplados aos avanços tecnológicos e à popularização da internet, tomaram espaço na consolidação de um crescente mercado sexual.

É importante ressaltar que a internet é um dispositivo que se desenvolveu a partir das tecnologias criadas no período pós-guerra. Estas podiam interceptar informações inimigas, além de permitir infiltrações em sistemas de segurança, capturar agentes espíões, etc. Foi somente com o fim da chamada ameaça socialista que esta tecnologia foi utilizada para facilitar a troca de pesquisas nos E.U.A.

Na internet, o espaço é virtual, as atualizações são constantes, as informações se movem em fluxos cibernéticos quase que instantaneamente. Na internet reúnem-se informações, depositadas a todo instante, por pessoas do mundo todo, seguindo certos protocolos, disponíveis através de senhas, mais ou menos restritas.

Além disso, nesse espaço virtual da internet é possível, aos mais temerosos, se proteger dos riscos do corpo e buscar o que se deseja de acordo com modelos pré-estabelecidos, que podem ser tanto o jovem, saudável, atlético como obesos, peludos, deficientes, etc. Ao gosto do freguês.

Atualmente, o mercado sexual, ligado, ainda, a luta de mulheres pelo prazer, às facilidades da internet, aos avanços em tecnologia sideral, enfim, o mercado sexual traz cada vez mais opções para um sexo plenamente satisfatório e seguro.

O aperfeiçoamento na busca do prazer com segurança – segurança relativa ao próprio corpo, à privacidade e à garantia de satisfação – exprime-se no próprio marketing ligado a esses produtos. Alguns exemplos retirado de uma mala direta virtual de uma das maiores lojas desse setor: “O preservativo perfeito para quem não gosta de preservativo”, “Eliane, conheça o vibrador disfarçado em livro”, “Eliane, saiba como fazer para o seu parceiro ficar com T...” “Orgasmo em 15 minutos no dia do orgasmo” “aumente a libido e potencialize seu desempenho” “Eliane, conheça o vibrador mais moderno do mundo” “prazer à distância com vibradores sem fio”, ou ainda: “vista prazer da cabeça aos pés”. Além disso, em cada propaganda, a garantia da qualidade dos produtos, da discrição e, o que está presente em todos os sites com a temática sexual, o alerta de segurança contra a pedofilia.

Além dos produtos propriamente ditos, cuja lista poderia se tornar infindável, o que veio acoplar a busca de um sexo seguro, foram as diversas prescrições, guias, orientações e a busca de uma

⁴ A primeira sex-shop do mundo foi criada por Beate Uhse em 1962. Nas décadas de 1970 e 1980 aparecem as primeiras sex-shops em São Paulo, restritas, ainda, ao centro da cidade. Apenas na década de 1990 é que, em São Paulo, este segmento começa a se expandir para alguns bairros, em especial na zona sul (bairro mais nobre e também com grande atividade ‘boêmia’), como Moema e Itaim.

transparência, não somente nos campos empresariais e políticos, mas nas próprias relações pessoais, que garantam não só a confiança do casal, mas também a certeza de conhecê-lo plenamente e poder, de maneira segura, garantir o seu prazer, além de ter o próprio prazer realizado.

Não foi somente com a chamada liberação sexual, em meados do século XX, que o sexo tornou-se “livre” para falar. Em *A vontade de saber*,⁵ Michel Foucault mostra como se deu uma certa construção da verdade a partir do investimento nos saberes sobre o sexo. A partir do que Foucault chamou de *hipótese repressiva*, que sustenta que houve entre os séculos XVI e XVIII uma intensificação das repressões e proibições sexuais, alimenta-se que uma liberação sexual se fazia necessária por meio da palavra.

Segundo esta hipótese, diante de proibições, repressões, silêncios, falar sobre o sexo seria um ato de transgressão, necessário para o rompimento com as trevas criadas em torno destas práticas.

Sem descartar a questão da proibição ou dos silêncios, Foucault mostra como tudo isso, juntamente com uma série de saberes criados sobre o sexo, constituiu – e constitui – o que ele denominou de *dispositivos da sexualidade*. Ou seja, uma série de técnicas, mecanismos, discursos, incitações, regulamentações, etc. que não somente proibindo, mas também fazendo falar e determinando quem, onde, em que circunstâncias se deveria falar do sexo, atuavam na constituição de um sujeito.

Desta forma, a partir do século XVI a grande novidade com relação às intervenções acerca das práticas sexuais estaria menos nos interditos e mais na introdução de uma nova técnica. Introduz-se, neste momento, uma nova forma de governo sobre os homens, em que não é mais o território do soberano (com tudo o que este contém) que está em jogo, importa agora o governo, ou cuidado, sobre cada um dos indivíduos e de suas condutas, o que Foucault chamou de poder pastoral.

Entre estas novas técnicas é importante sublinhar a incitação não ao silêncio, mas à confissão. Se por um lado há uma série de práticas que são demonizadas, proibidas, etc., por outro lado, a busca da salvação ou a constituição de uma verdade que poderá produzir ‘a cura’ só são possíveis pela confissão. Foucault nos lembra que a repressão está ligada a uma inexistência, há um silenciar a fim de fazer desaparecer. Sobre o que é reprimido, não se deve falar, deve-se ignorar sua existência. Não é o que ocorreu nos últimos séculos, mostra Foucault, atinando para todo um saber e uma série de verdades construídas neste âmbito. Introduz-se desta forma, uma “colocação do sexo em discurso” e, se até o século XVII está era uma técnica ascética e monásticas, neste momento ela passa a ser quase que uma regra geral.

É importante retomar aqui que, durante a ditadura civil-militar no Brasil (e até hoje em qualquer prisão, delegacia ou similares – legais ou ilegais) a tortura era (e é) técnica utilizada também com o objetivo de fazer falar, ainda que, para além da confissão, a pacificação de revoltas expressas no silêncio soturno eram resultados esperados sobre os corpos de jovens subversivos.

Voltando às grandes tecnologias da atualidade, a internet situa-se também como lugar propício para a confissão e para o controle.

Se por um lado a internet se tornou lugar de busca de um sexo mais seguro e de conhecimento de prescrições e normas para condutas sexuais saudáveis, é a partir do corpo da criança que medidas de segurança e novas tecnologias de controle se justificam.

Para as crianças, então, a internet associada ao sexo torna-se lugar perigoso. A proteção e segurança das crianças sob um discurso anti-pedofilia propicia uma série de medidas de controle sobre as próprias crianças, diante de um corpo que ainda não foi completamente domesticado.

A associação entre as palavras sexo e criança indica um perigo imediato, uma monstruosidade, a iminência de ato criminoso. Ainda que Freud tenha atribuído uma sexualidade às crianças, no século

⁵ primeiro livro que compõe *História da sexualidade*,

XIX – que justifica até hoje o que seriam as anormalidades sexuais de cada um na vida adulta – o tema ainda apresenta-se quase como interdito, a despeito do freqüente estímulo à sexualização das crianças, e as não tão incomuns relações entre crianças e adultos. A criança ainda é vista como um ser que não tem controle sobre seus próprios atos, que não foi totalmente domesticada, e por isso deve estar sob constante controle e vigilância.

Essa distinção entre o que seria um sujeito civilizado e um selvagem, ou ainda, a distinção entre a infância e a fase adulta, é algo que começa a se estabelecer com força no final do século XVIII, início do século XIX e, entre outras procedências, liga-se à emergência de um pensamento iluminista, em que diante da animalidade impera o uso da razão.

Esse dualismo, entretanto, não é uma novidade do século XIX. Pode-se colocar ainda, como uma procedência importante nessa supervalorização da razão, do pensamento sobrepondo-se à animalidade – ao próprio corpo como resquício dessa natureza no homem –, o pensamento cartesiano que terá seu apogeu com os contratos sociais expressos, por exemplo, nos escritos de Rousseau e, posteriormente, no cosmopolitismo de Kant.

O que marca este movimento nas ideias, nas práticas e nos corpos, é, justamente, uma tentativa de apartar-se do corpo (ou geri-lo) enquanto lugar de risco, de perigo, de uma animalidade indomesticável.

Nesse sentido, vale retomar Claude Lévi-Strauss quando afirma que “se o homem é um animal doméstico, é o único que se domesticou a si próprio”⁶. A criança, ainda não-domesticada, deve estar sob constante controle e vigilância, até que aprenda a auto-domesticar-se.

Nunca é demais lembrar, que qualquer tecnologia não está apartada do modo como uma cultura se pensa. Não é a toa que as novas tecnologias tem como efeito um distanciamento do corpo, seja pelo afastamento do contato físico em detrimento do contato virtual, seja por meio de produtos e mais produtos que cobrem e recobrem o corpo. Busca-se uma assepsia, um auto-governo, enquanto auto-controle dietético, plástico e pela própria construção de uma sexualidade que molda as condutas, restando não as práticas sexuais, mas a disponibilidade ao risco.

Referências bibliográficas:

LÉVI-STRAUSS, Claude. “Natureza e cultura” in *As estruturas elementares do parentesco*. Rio de Janeiro, Vozes, 2003, p. 43.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guillon de Albuquerque. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1999.

NU-SOL. “Dossiê 68”. In *Verve*, vol. 14. São Paulo: Nu-Sol (Núcleo de Sociabilidade libertária do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, PUC-SP), 2008.

OLIVEIRA, S. “Quem tem Pinto Saco Boca Bunda Cu Buceta Quer amor” in *Libertárias: sexo e anarquia*. São Paulo, Libertárias, vol. 3, 1998.

SIMÕES, Gustavo Ferreira. *Roberto Freire: tesão e anarquia*. Dissertação de mestrado. PUC/SP. São Paulo, 2011. Ver também: “Dossiê Sexo, poder e liberdade” in *Revista verve*. São Paulo, Nu-Sol/PUC-SP, nº 17, 2010, pp. 48-96.

SIBILIA, P (2004). “O corpo obsoleto e as tiranias do upgrade”. In *Verve*, vol. 6: *Um incômodo*. São Paulo, Núcleo de Sociabilidade Libertária – PEPG em Ciências Sociais, PUC-SP, pp. 199-226.

⁶ Claude Lévi-Strauss. “Natureza e cultura” in *As estruturas elementares do parentesco*. Rio de Janeiro, Vozes, 2003, p. 43.